



GONÇALO GENTIL ANASTÁCIO

Sócio, SRS Advogados



Foto: Victor Machado/OJE

"NÃO É REALISTA NESTE MOMENTO PRESCINDIR DOS COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS"

Gonçalo Gentil Anastácio, da SRS Advogados, explicou que os desafios da energia em Portugal passam pela liberalização, privatização, pela descontinuação das golden share e ainda pela intensificação da concorrência.

ASRS advogados e a Câmara de Comércio Luso-Belga-Luxemburguesa organizam hoje o seminário "Segurança e Autonomia Energética" num hotel em Lisboa. É a quarta edição desta reunião, que tem lugar desde que foi identificado pelos organizadores um potencial de cooperação entre a Bélgica, o Luxemburgo e Portugal no campo da energia.

Estes seminários têm trazido especialistas a Portugal e fomentado a discussão sobre melhores práticas que se tem revelado muito frutuosa, como explicou em entrevista por e-mail Gonçalo Gentil Anastácio, advogado e sócio da SRS.

Esta sociedade de advogados colabora com a CCLBL na escolha dos temas abordados e dos oradores portugueses, enquanto a CCLBL se ocupa da logística e do convite a oradores belgas e luxemburgueses.

Quais os maiores desafios que as empresas que actuam no sector energético em Portugal enfrentam na actualidade?

Varia bastante em função do segmento, mas parece claro que a alta internacional dos preços, a nova legislatura e o imperativo orçamental das privatizações vão ter consequências relevantes.

Como perspectiva comum, parece razoável antecipar um quadro de maior liberalização, privatização, descontinuação das golden shares na sua forma actual e intensificação da concorrência. O papel que o Estado tem tido como arquitecto do sector (e consequentes responsabilidades nas suas virtudes e problemas) tenderá a diminuir substancialmente.

Que preocupações e o que devem as empresas fazer para atingir o êxito neste sector?

Em função do que referi, será expectável uma pressão acrescida para ganhos de eficiência.

A alta dos preços vem exigir, também, melhor comunicação junto dos consumidores.

Portugal ainda está muito dependente da importação de energia? O que está a mudar?

É uma evidência, mas têm sido dados bons passos neste capítulo, quer em termos de "mix" de fontes quer sobretudo do desenvolvimento das eólicas e hídricas.

Qual a importância da autonomia energética para um país de pequena dimensão como Portugal?

Creio que é um tema essencial para qualquer país, independentemente da dimensão. No nosso caso, agravado pelo facto de apenas termos uma fronteira terrestre e não termos recursos fósseis relevantes.

Qual o investimento necessário para assegurar que Portugal deixe de estar dependente dos combustíveis fósseis e das variações de preço inerentes?

Não é realista neste momento prescindir dos combustíveis fósseis e muito menos em termos de competitividade de custo, mesmo no actual quadro de alta internacional de preços.

Que impacto tem no sector o ambiente de crise político-económico-financeiro por que estamos a passar, nomeadamente o recente recurso ao FMI e à Comissão Europeia?

O impacto é sobretudo sensível em função da diminuição do consumo e da maior reactividade dos clientes à alta internacional dos preços.

Portugal tem vários casos de sucesso na utilização de energias renováveis. Fazendo um pouco de futurologia, poderá o País ser alguma vez ser energeticamente independente?

Seria bom, sobretudo se tal opção fosse financeiramente competitiva, visto que não se coloca, na actual estrutura, um problema de segurança de abastecimento.

Realisticamente, tal não é antecipável no médio prazo. Só se houver uma quebra de paradigma por algum salto tecnológico, ou se descobirmos recursos fósseis em quantidade comercial significativa.

Que impacto poderá ter o acidente da central de Fukushima no sector?

Criou que matou o debate sobre o nuclear que se vinha fazendo, com qualidade, em Portugal nos últimos anos. Veio evidenciar que os riscos não se colocam apenas para estruturas obsoletas como as soviéticas.

Não se pode descartar um acidente ou atentado terrorista de consequências trágicas.

Estão a organizar hoje o seminário "Segurança e Autonomia Energética", em parceria com a Câmara de Comércio Luso-Belga-Luxemburguesa. Quais os objectivos deste evento e qual o perfil dos participantes?

Os participantes são essencialmente especialistas do sector e o objectivo é debater o futuro do sector em Portugal, ilustrado também pela experiência belga.

Os portugueses estão a fazer um uso mais racional da energia nas suas casas e nas empresas?

Sim, quer por sensibilização quer por necessidade.

É uma área, porém, em que Portugal tem um imenso caminho a percorrer, encontrando-se ainda muito aquém do melhor padrão europeu.



INTERMAIL



**Gonçalo
Anastácio**

Não é realista
prescindir dos
combustíveis fósseis

Pág. 9